

A missão da Igreja no século 21

José Bernardo

Ao introduzir este tema, não pretendo redefinir a missão da Igreja para nosso tempo; isso seria heresia. Quem define a missão da Igreja é Deus, através de sua Palavra. Minha intenção é examinar como a missão definida por Deus está em nosso século, qual é o seu status. Lamento também, antecipadamente, oferecer um texto de menor importância, já que não expõe o texto bíblico primariamente, mas examina o contexto profeticamente, isto é, a partir de uma perspectiva bíblica. Temo sempre, que essa liberdade possa ser enganosa, mas ofereço esse exercício como o construtor que, primeiro limpa o terreno, para então estabelecer os sólidos fundamentos na rocha.

Começemos por definir o século 21. Em poucos meses completaremos 100 anos da Semana de Arte Moderna, organizada em São Paulo de 13 a 17 de fevereiro de 1922. Esse evento, seguido à expressão terminal da Primeira Guerra Mundial, proclamou a ruptura com a lógica e a estética prevalente, impulsionando o processo de desconstrução que se ampliaria e ganharia mais velocidade nas décadas seguintes. Ainda vivemos esse processo, em uma intensidade que não se poderia imaginar há 100 anos; os elementos propulsores da diversidade urbana e da crise institucional são os mesmos. Por isso, podemos definir o século 21 a partir desse movimento que podemos identificar como a pós-modernidade.

A Pós-modernidade, embora uma designação apropriada para nosso momento histórico, não define aquilo que ainda estamos vivendo. Contudo nos situa depois da Modernidade, que podemos descrever mais facilmente com os desenvolvimentos tecnológicos a partir do século 16, e nos leva a identificar uma pré-modernidade, compreendida no cenário medieval, sob o domínio da Igreja Católica Romana. Em cada uma dessas fases, a cosmovisão se concentrou em diferentes sistemas cognitivos: a pré-modernidade teve uma perspectiva emocional, o domínio da fé e do medo; a modernidade foi racional, dependente da lógica e do método; a pós-modernidade é animal, sensitiva, voltada para os desejos viscerais e para as sensações.

A dinâmica da pós-modernidade

A pós-modernidade tem uma característica essencialmente urbana. Vamos imaginar uma pessoa pré-moderna em sua pequena comunidade rural. Existe uma religião à qual todos os habitantes aderem e que determina um pensamento e uma atitude coletivas. Então, na procura de novas tecnologias, esses habitantes começam a estudar e a pequena comunidade rural cresce e se organiza em diversos grupos de pensamento. Essa é a modernidade. Mas a tecnologia da informação multiplica o conhecimento a tal ponto que os grupos de pensamento se tornam cada vez menores. Nesse processo, o amplo contato

com outras comunidades e a imigração de muitas pessoas estabelece uma diversidade cada vez maior. Essa é a pós-modernidade.

Essa diversidade avassaladora da pós-modernidade opera contra as virtudes fundamentais da fé cristã. Para pessoas dos mais diversos pensamentos e perspectivas conviverem, é necessário diminuir a importância das convicções pessoais, ou seja, a fé é relegada a uma experiência particular, sem validade social e incomunicável – ‘religião não se discute’. Sem importância, a fé não gera esperança, as pessoas deixam de esperar e se concentram no que podem experimentar e sentir; enseja-se o consumismo, o hedonismo e a luxúria – ‘carpe diem, quam minimum credula postero’ (Horácio). Sem fé, pois, não há esperança, e sem esperança não há amor; as pessoas não se devotam a algo, têm dificuldade em escolher, decidir; o conceito de amor se banaliza e deixa de significar uma entrega total e permanente.

Um outro ângulo pelo qual podemos ver a pós-modernidade é pela vertiginosa aceleração da informação. Há cada vez mais informação e ela chega cada vez mais rapidamente, mas isso estabelece o que podemos chamar de crise da sabedoria. Não é desconhecida a descrição da pós-modernidade como ‘era da informação’. O que não se percebe é que essa descrição é denúncia de uma crise grave. O ápice do processo de aprendizado é a sabedoria, que é a aplicação do conhecimento para a cura das pessoas. Antes da sabedoria há o conhecimento, que é a percepção do valor da informação. Portanto, a era da informação é uma limitação severa do conhecimento e da sabedoria. As pessoas estão bem-informadas, mas não são capazes de julgar a informação que tem e nem usá-la para a cura. Na medida em que avançamos na pós-modernidade essa crise ainda se aprofunda. Já vivemos na era do dado, quando há tanta informação disponível que não somos mais capazes de lê-la. Os algoritmos decidem as informações a que vamos acessar e ignoramos o que mais existe – ‘está no Google, e fica lá’.

Tentando definir nosso tempo em uma única palavra, trabalhei durante dois dias com a minha equipe, há alguns anos, e chegamos ao termo ‘fragmentação’. De fato, isso concordou com a definição do sociólogo polonês Zygmunt Bauman que usou o adjetivo ‘líquida’, para definir essa realidade. O pensamento se divide em partículas menores até que cada pessoa tenha sua própria verdade, até que cada pessoa tenha várias verdades. Essa fragmentação do pensamento atinge as instituições sociais, família, igreja e Estado. O mundo se desconstrói em minorias, perde a razão, sucumbe aos desejos, torna-se indefeso e incapaz.

A igreja se preocupou muito com o comunismo nas décadas passadas, e não percebeu que a grande armadilha era, na verdade o humanismo. Uma crise de liderança, pela falta de preparação bíblica dos líderes, e a confiança no sistema secular para prepará-los, trouxe para a igreja um pensamento antropocentrista, em que o ser humano é a medida última para as decisões. Pouco a pouco a igreja passou a viver em função das pessoas, colocando seus desejos, planos e ações no centro do culto. Deus passou a ser um agente do bem-estar humano e a idolatria substituiu o culto racional. A igreja deixou de ser servidora para se tornar consumidora! Ela existe agora para satisfazer as pessoas, e não para fazer a vontade de Deus.

A confusão missional

Deixando de ser servidora, totalmente entregue a fazer a vontade de Deus, para se tornar consumidora, em busca de satisfazer os próprios desejos, planos e realizações, a Igreja perdeu seu norte missional. Há algumas décadas ainda havia clareza sobre qual é a missão da igreja. Hoje, à menção desse tema pode-se esperar as mais diversas propostas, a maioria delas fundamentadas em um vago senso comum de que Deus ama tanto o mundo que fará tudo para que as pessoas estejam bem.

Observando essa situação, há alguns anos comecei a colecionar os falsos evangelhos que contaminaram a igreja, e que ocupam a maior parte da pregação evangélica hoje em dia. O evangelho da prosperidade, do bem-estar material, que vê a missão da igreja como treinamento (coaching) para o sucesso material, status e autorrealização vocacional. O evangelho social, da promoção do bem estar social, que vê a missão da igreja a de uma ONG na luta pela justiça social. O evangelho terapêutico, da cura emocional e do bem estar psicológico, que acha que a missão da igreja equivale a de um consultório de psicologia. O evangelho político, que ignora que somos peregrinos e estrangeiros e confunde o Reino de Deus com a eleição de governantes evangélicos e a missão da igreja como diretório político. O evangelho acadêmico, que privilegia os altos estudos teológicos, ilustrados pela filosofia e pelo conhecimento geral, e que pensa na igreja como uma instituição acadêmica. O evangelho místico, que estimula uma espiritualidade fantástica, irresponsável e misteriosa.

Embora pareçam diferentes e se proponha a conflitos, esses seis falsos evangelhos, produtos do individualismo consumista da pós-modernidade, compartilham características idênticas. São todos antropocêntricos e não cristocêntricos, o deus deles está a serviço dos seres humanos e não o contrário. Plurais e não bibliobásicos, isto é, buscam a verdade em diversas fontes, as mais convenientes; para eles a Bíblia deixa de ser a Palavra de Deus. Materiais e não espirituais; querem coisas que possam ser vistas, tocadas e o que é material se reveste de maior importância do que o que é espiritual. Temporais e não eternos, preocupados com o tempo presente, com as coisas desse século, sem uma perspectiva da eternidade e sem valorizar as coisas eternas. Divergentes, isto é. individualistas e não convergentes, não buscam os interesses do corpo de Cristo, mas os seus próprios. Formais e não experienciais, sua fé consiste em rituais, cerimônias e dogmas, não na experiência transformadora com a Palavra viva de Deus.

A desatualização da Igreja

Voltando ao modelo 'emocional, racional e animal' que define respectivamente a pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade, a Igreja evangélica estagnou-se na modernidade. Ela ainda vive no modelo racional de modo geral, e a Teologia Sistemática é o prumo desse modelo. Em discussões como da ideologia de gênero, do casamento homossexual e adoção de crianças – a igreja está sempre procurando a lógica dogmática do certo e errado, enquanto as pessoas pós-modernas discutem a partir do que elas desejam individualmente. Essa atitude determinou um dualismo que está esvaziando a igreja. Apenas um

pequeno percentual da Geração Z vive o que professa e pode ser classificada como cristãos comprometidos. Basicamente o evangelicalismo é uma expressão da Reforma que definiu a modernidade, mas essa estrutura anacrônica é inútil na pós-modernidade.

Não deveria ser assim, porém. Se aceitarmos a visão da história cíclica, pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade compõem 3 estágios que se repetem sucessivamente, impulsionados possivelmente pelo stress. Quando a sociedade se cansa de um estágio, a crise a leva ao próximo. Com isso, no estágio anterior, tivemos a pré-modernidade dos persas e seu zoroastrismo, a modernidade dos gregos e seu helenismo, e a pós-modernidade dos romanos e sua Pax Romana. Essa ideia situa o período dos profetas na pré-modernidade, o farisaísmo exílico e pós-exílico na modernidade e o cristianismo na pós-modernidade.

Isso não quer dizer que o cristianismo aceitou todas as imposições da pós-modernidade e bons exemplos disso são a habilidade da apologia bíblica de desconstrução com reconstrução e a resistência ao individualismo, com a promoção da verdade da pessoa como membro especializado do corpo social. Mas é absurdo que tenhamos tanta dificuldade de nos comunicar com o mundo pós-moderno, quando cada texto do Novo Testamento foi composto dentro de uma realidade da ditadura dos desejos individuais. O evangelicalismo, com sua teologia exclusivamente proposicional, transformou a dinâmica Palavra de Deus em um conjunto formal de doutrinas, desprezando a vivência do texto bíblico e isso é irrelevante para essa geração. Jesus, muito pós-modernisticamente disse *“Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso.”* Mt 11:28, mas nós oferecemos cursinhos das doutrinas de nossas igrejas ou nossos esquemas consagrados para alcançar determinados objetivos.

A mensagem pós-moderna do Evangelho

Esse formalismo faz com que a cada vez que perguntamos ‘o que é o Evangelho?’, a resposta seja sempre a ideia pronta de que ‘Evangelho são as boas novas’. Mas que boas notícias são essas em que consiste o Evangelho? Para responder a isso gosto de ver o sumário da evangelização de Jesus, conforme Marcos apresentou: *“Depois que João foi preso, Jesus foi para a Galiléia, proclamando as boas novas de Deus. ‘O tempo é chegado’, dizia ele. ‘O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas novas!’”* Mc 1:14,15. Embora a tradução de ‘boas novas’, o original traz sempre a expressão no singular, ‘a boa nova de Deus’. E que boa notícia era essa? Certamente não a informação de urgência, ‘o tempo é chegado’, nem o chamado à ação, ‘Arrependam-se e creiam’, mas seguramente a acessibilidade do ‘Reino de Deus’. Uma geração dominada por seus desejos carnis, iludida pelo pensamento individualista, destruída pela fragmentação institucional, precisa ouvir que Deus, em Cristo, está disposto a reinar sobre cada pessoa, e conduzi-la à cura.

Paulo, ensinando aos efésios que plano Deus está realizando na terra, e preparando-os para participarem desse plano, falou sobre essa mensagem essencial para a pós-modernidade: *“E nos revelou o mistério da sua vontade, de*

acordo com o seu bom propósito que ele estabeleceu em Cristo, isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos.” Ef 1:9,10. Do mesmo modo, falando aos filipenses em seu contexto igualmente pós-moderno, disse: “para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo, retendo firmemente a palavra da vida...” Fp 2:15,16a.

A missão da Igreja

O Evangelho é a mensagem do Reino, de que Deus, em Cristo, está disposto a governar as pessoas que vivem desgovernadas, sob a ditadura de seus desejos carnis, seus planos humanos e suas realizações passageiras. E a comunicação dessa mensagem é a missão da Igreja. Para cumpri-la e enquanto o faz, a igreja faz diversas outras coisas, mas nenhuma delas pode ser definida como sua missão. A missão da Igreja é comunicar o Evangelho, e o relato do Comissionamento de Jesus para a Igreja, por cada um dos evangelistas, comprovam essa ideia. No momento mais solene Jesus não disse à igreja nascedoura para fazer isso ou aquilo outro, mas para discipular, conforme Mateus, pregar, conforme Marcos, testemunhar, conforme Lucas e perdoar pecados, conforme João. Portanto, comunicar o Evangelho, ensinando, proclamando, testemunhando e aconselhando.

Em 1997, enquanto orava e jejuava pela Igreja Brasileira, senti-me compelido a estudar 1 e 2 Timóteo e vi que reconduzir os crentes à comunicação do Evangelho era a receita de Paulo para a crise que as igrejas da Ásia Menor enfrentavam. Com isso me dispus a formar um ministério que pudesse ajudar nisso, a chamar os crentes de volta à missão bíblica da igreja. Passaram-se mais de 20 anos desde que fundei a AMME evangelizar, mas ainda me acho animado a insistir em que a Igreja Brasileira volte a fazer aquilo que Deus a mandou fazer, sem ceder à pressões antropocentristas do humanismo e individualizadoras da pós modernidade. Comunicar o Evangelho do Reino é a missão da Igreja também no século 21.

José Bernardo, é o fundador e presidente da Agência Missionária de Mobilização Evangelística – AMME evangelizar e vice-presidente do ministério internacional de evangelização OneHope Inc. Contato, @josebernardo.job